

O ENSINO DE ARTES MARCIAIS PARA CRIANÇAS: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA

Marcelo Rossetto¹, Derli Juliano Neuenfeldt²

Resumo: Esta pesquisa bibliográfica, a partir da constatação da carência de material teórico que trate do ensino das artes marciais, objetiva estruturar uma proposta pedagógica, apontando princípios norteadores para o ensino das artes marciais para crianças, ressaltando aspectos filosóficos, didáticos e lúdicos. Com base em Seybold (1994) e Neuenfeldt (2008), autores norteadores desta pesquisa, elencamos cinco princípios pedagógicos para o ensino das artes marciais para crianças: totalidade, agonístico, axiológico, individualidade e ludicidade. Percebe-se, com base no estudo realizado, que existe uma lacuna entre o saber empírico e o saber científico, quando se trata de didática nas artes marciais, o que se evidencia na falta de artigos científicos referentes ao tema. A proposta elaborada respeita o processo de desenvolvimento das crianças, fornecendo um caminho para o ensino das artes marciais, que possibilite que ela seja utilizada positivamente na formação dos alunos.

Palavras-chave: Artes Marciais. Criança. Ensino.

INTRODUÇÃO

Atualmente, sabe-se que as práticas da cultura corporal de movimento é um caminho para a educação de crianças, pois ajuda a construir o caráter e serve como ensaio para futuros embates na vida pessoal. Entre as inúmeras práticas corporais, citamos as lutas e as artes marciais.

Apesar das semelhanças entre as duas modalidades, há diferenças entre as lutas e as artes marciais. Toda arte marcial pode ser classificada como luta, mas nem toda luta pode ser classificada como arte marcial. As lutas (boxe, wrestling, greco-romana) fundamentam-se no entendimento de outros esportes, que se baseiam na oposição do oponente, sendo que o técnico tem obrigações e deveres com o aluno como esportista. Ou seja, deve responsabilizar-se pelo seu

1 Graduado em Educação Física – Bacharelado na Univates. marcelorossetort@hotmail.com

2 Professor e coordenador do curso de Educação Física – Licenciatura da Univates. derlijul@univates.br

aprendizado técnico dentro da luta, garantindo-lhe um desempenho satisfatório e progressivo no esporte. Já as artes marciais (judô, jiu jitsu, karate) têm suas origens ligadas às guerras, tal como seu nome já sugere (marcial). Contudo, o ensino das artes marciais tem uma grande filosofia de vida, pois, conforme explica Lee (2003), o objetivo da arte é projetar uma visão interior para o mundo; declarar, numa criação estética, o espírito mais íntimo e as experiências pessoais de um ser humano. Estas mesmas diferenças são citadas por Cazetto (2009), que ainda esclarece que o termo lutas é mais usado no Ocidente, com o sentido de ato de combate. Já o termo artes marciais tem origem no Oriente e extrapola a ideia de ato de combate.

Uma vez esclarecida a diferença entre luta e arte marcial, esse estudo trata do ensino das artes marciais para crianças. Uma das maiores barreiras para a iniciação da criança nas artes marciais é o preconceito, pois sua associação com a violência ainda é muito forte. Uma parte deste preconceito advém do conhecimento superficial da população sobre o tema. A outra parte desta responsabilidade é dos próprios praticantes e professores que, muitas vezes, utilizam de forma errônea os conhecimentos adquiridos (brigas, confusões...). Ainda, por falta de conhecimento pedagógico, esses professores utilizam metodologias de ensino inadequadas à faixa etária da criança, pulando etapas do desenvolvimento humano, tornando o aprendizado desgastante e pouco prazeroso, o que contribui para a evasão das crianças das aulas de artes marciais.

Este trabalho justifica-se pelo fato de haver uma grande lacuna entre o saber empírico relativo às próprias artes marciais e o conhecimento pedagógico. A articulação dos dois saberes é indispensável para uma abordagem correta e eficaz, a fim de que as artes marciais contribuam tanto para o desenvolvimento da criança, quanto para o avanço do conhecimento pedagógico nessa área, além de contribuírem na melhoria da prática pedagógica dos professores.

Considerando estes aspectos não tão positivos e ciente de que as artes marciais podem e devem ser aceitas como forma de educação da criança, este trabalho tem como objetivo, através de pesquisa bibliográfica, estruturar uma proposta pedagógica, apontando princípios norteadores para o ensino das artes marciais para crianças, ressaltando aspectos filosóficos, didáticos e lúdicos.

METODOLOGIA

Inicialmente, com o objetivo de verificar na literatura o que existe sobre o tema, ensino das artes marciais para crianças, optou-se por fazer uma busca utilizando o site da CAPES³ como fonte, usando como palavras de busca, “artes marciais” e “crianças”, visando identificar publicações sobre a temática nos últimos dez anos (2007 a 2017). Constatou-se que poucas publicações cruzavam

3 <http://univates.br/biblioteca/capes>

os termos e, menos ainda tinham o foco do estudo no aspecto pedagógico do ensino das artes marciais para crianças.

Outro estudo que reforça a falta de material científico sobre o ensino das artes marciais é o de Correia e Franchini (2010). Os autores analisaram 2561 artigos de revistas acadêmicas de circulação nacional da área da Educação Física, pertencentes a 11 periódicos, realizando a busca por meio das palavras-chave lutas, artes marciais e esportes de combate. Constatou-se que apenas 75 deles abordavam a temática, número que representa apenas 2,93% dos artigos avaliados. Destes, menos da metade (32) se encaixavam em áreas como Estudos Socioculturais do Movimento Humano ou Pedagogia do Movimento Humano.

Esses resultados demonstram a falta de material disponível sobre a temática. Dessa forma, optou-se, nesse estudo, por elaborar uma proposta pedagógica para o ensino de artes marciais para crianças, usando as obras de Seybold (1994) e Neuenfeldt (2008) como ponto de partida. Esses autores propõem princípios pedagógicos para o ensino da Educação Física/Esporte, o que justifica a opção por eles. Da leitura desses autores, foram estabelecidos os seguintes princípios pedagógicos: o axiológico, o da totalidade, o da individualização, o agonístico e o da ludicidade.

Portanto, essa pesquisa, caracteriza-se como bibliográfica, baseando-se na definição de Demo (1985, p. 24) para quem, nesse tipo de pesquisa, busca-se “o domínio da bibliografia fundamental, através da qual tomamos conhecimento da produção existente; podemos aceitá-la, rejeitá-la e com ela dialogar criticamente”.

UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA O ENSINO DAS ARTES MARCIAIS

A fim de construir uma proposta pedagógica para o ensino de artes marciais para crianças, foram definidos cinco princípios norteadores: o princípio axiológico, o princípio da ludicidade, o princípio da totalidade, o princípio agonístico e o princípio da individualidade (Figura 1). Destaca-se que estes princípios estão intimamente ligados ao ensino das artes marciais, pois interagem entre si. Por isso, é impossível trabalhá-los de forma independente, visto que um completa o outro. Passa-se a apresentar os princípios.

Figura 1 – Princípios de ensino das artes marciais



Fonte: autor

PRINCÍPIO AXIOLÓGICO

O primeiro princípio a ser abordado é o axiológico, que trata o ensino de maneira natural, baseado em princípios como o encontro com o eu, o encontro com a natureza e o encontro com o material didático.

Este princípio é básico para compreender o quão vasta é a arte marcial e toda sua capacidade e possibilidades de ensino. Nesse sentido, vale ressaltar que o pilar axiológico se aproxima muito mais do aspecto “arte” do que do aspecto “marcial”, inerente nas artes maciais. A própria definição de arte já nos situa em relação a este aspecto, conforme argumentam Correia e Franchini (2010, p. 1):

Desta forma, podemos identificar que a expressão “arte” nos sinaliza para uma demanda expressiva, inventiva, imaginária, lúdica e criativa, como elementos a serem inclusos no processo de construção de certas manifestações antropológicas ligadas ao universo das Artes Marciais.

Dessa forma, mesmo que o aspecto artístico possa ser espontâneo, ele deve ser guiado, o que é a função do professor. A relação entre o esporte e a pessoa é mencionada por Seybold (1994):

O esporte dá ao jovem ser humano uma medida de sua capacidade de rendimento, de sua saúde, da resistência do seu organismo, da

beleza física. Modernas formas de exercício e treinamento, como, por exemplo, o treino de resistência ou de circuito, capacitam-no a exercitar de forma independente sua resistência individual e a registrar o êxito. O objetivo, visível e mensurável é a medida de seu esforço (p. 118).

Esta afirmação de Seybold (1994) coaduna-se com a parte individual da arte marcial, que, apesar de trabalhar muito o aspecto coletivo, na essência é um esporte individual, principalmente, quando se trata do rendimento pessoal. Baseado nesta premissa, cabe ao professor levar as crianças a enxergarem sua evolução nos treinos, estimulando-os para a competição, porém não para uma competição contra os colegas, mas, sim, para uma competição pessoal e interior.

O aluno deve ser desafiado a melhorar constantemente, não visando ser o melhor, mas, sim, para buscar o seu melhor, aproximando assim o rendimento da parte filosófica das artes marciais. A criança também deve ser ensinada a perceber por que o seu rendimento pode aumentar ou diminuir, para que, segundo Seybold (1994), ao aspirar um rendimento melhor, naturalmente se afaste de vícios e opte por uma vida disciplinada.

Ainda, em relação à individualidade, Seybold (1994) argumenta que, para que exista um movimento natural e interior, é preciso que antes de tudo seja eliminada qualquer inibição, seja ela psíquica, ou anatômico-fisiológica. Em se tratando deste aspecto, o professor precisa ter em mente que as artes marciais são para todos. Logo, deve identificar os bloqueios de seus alunos e, conseqüentemente, adaptar a aula para que eles se sintam livres e comecem a sentir prazer com a prática dos exercícios, aprendendo assim de forma natural. É imprescindível ter em mente que cada aluno é único, tanto em aspectos físicos, quanto nos psicológicos, cabendo ao professor encontrar a melhor forma de cada um aprender e alcançar os objetivos dentro das artes marciais, sejam objetivos de alto rendimento, lazer ou saúde.

Além do encontro com seu próprio eu, nas artes marciais há o encontro com os materiais didáticos e com os meios pedagógicos usados para conduzir as aulas, os quais podem ser determinados pelo princípio axiológico. Segundo Seybold (1994), na infância, a força e as habilidades físicas servem para balizar o relacionamento e a hierarquia nos círculos de convivência. Nesta fase, a criança precisa sentir-se capaz de render; porém, é muito sensível a fatores que afetam sua autoestima.

Este aspecto da autoestima é fortemente visível nas artes marciais, uma vez que, depois que a criança aprende que tem capacidade de render, passa a visar apenas a vitória, seja nas competições, seja dentro da própria academia. Conseqüentemente, sente dificuldade em aceitar derrotas e tamanha pode ser a frustração, que é um fator de grande evasão nas artes marciais. Muitos jovens talentos, após uma série de grandes vitórias, quando se deparam com a derrota, abandonam o esporte ou o renegam a um segundo plano. Como

forma de tentar minimizar este delicado problema, o professor deve fazer uso de uma didática condizente com a idade das crianças, no sentido de respeitar seu tempo de maturação, inclusive, a maturidade de aceitar ou de entender a vitória e a derrota. Essas duas situações devem ser diariamente trabalhadas. Vivenciar e experimentar a derrota na própria aula contribui para que, quando a derrota acontecer numa competição, ela seja menos frustrante, até por não ser uma experiência nova, pois perder num ambiente descontraído, diante de amigos e do professor, não é algo tão chocante como perder numa competição, por exemplo, diante de pessoas estranhas, tendo que ceder a vitória a um desconhecido.

Ainda, em relação ao fator vitória e derrota, conforme Neuenfeldt (2008), ao abordar a pedagogia da vitória e da derrota, não estamos necessariamente mostrando à criança o caminho do sucesso ou do insucesso, mas lhe apresentamos um aspecto natural da vida, pois nossa sociedade, nossa vida cotidiana é repleta de momentos de competição, nos quais, invariavelmente, nos depararemos tanto com sucessos como com frustrações. Logo, ao apresentar o jogo à criança, não devemos renegar estes aspectos, mas, sim, ensinar-lhes que ganhar e perder fazem parte da sua essência.

Outro aspecto que Seybold(1994) também ressalva é que devemos entender que os mais fracos, sejam eles física ou tecnicamente também podem render. Volta-se assim à ideia de que a arte marcial deve ser adaptada a todos e que a escolha dos meios pedagógicos deverão conduzir a adaptação pessoal entre a criança e a arte marcial, que deve ser feita com cuidado, para que sempre ocorra a desinibição da criança diante das tarefas e não a inibição.

Todos esses aspectos relativos à condução da aula, vitórias, derrotas, conhecimento pessoal, autoestima, rendimento, adaptação devem e podem ir além da arte marcial em si e serem benéficos para a criança na sua vida pessoal. Mais uma vez, é tarefa do professor exemplificar para as crianças, as semelhanças entre a arte marcial e a vida, mostrando que os aspectos citados anteriormente ocorrem diariamente, na vida pessoal, ressaltando que as atitudes e formas de confrontar estes problemas geram resultados positivos ou negativos.

PRINCÍPIO DA INDIVIDUALIDADE

“O grande desafio dos educadores é trabalhar com a diversidade e fazer esporte para todos” (NEUENFELDT, 2008, pg. 167). Esta citação abre a temática da individualidade, fator que permeia as aulas dos mais variados esportes, incluindo as artes marciais. Sabe-se que cada indivíduo tem seu próprio tempo e forma de aprendizado, além de diferenças no ritmo cinético, motriz e capacidade de rendimento. Segundo Seybold (1994), a função do professor é reconhecer e identificar estas diferenças, para que, a partir delas, eleja os meios com os quais auxiliará seus alunos no aprendizado.

Almejar o princípio da individualidade nas artes marciais é necessário, pois, numa mesma turma, há crianças de biotipos, idade, gênero, maturidade, tanto física quanto psicológica, diferentes. Separá-las e nivelá-las em diferentes turmas é inviável, e, muitas vezes, prejudicial. Cabe, então, ao professor encontrar meios para que cada um, com seu jeito, alcance seus objetivos, sejam eles quais forem, pela arte marcial, mas tendo em mente que todo esforço tem limite, como reforça Seybold (1994).

Conforme Neuenfeldt (2008), um ponto de partida é ensinar aos alunos que as diferenças existem, que cada um tem seu ritmo, suas qualidades, seus pontos fracos, o que é algo normal. Baseado nesta orientação, o professor cria dentro da aula um ambiente mais tranquilo, com menos pressão; logo, diminuirão as comparações. As crianças aprenderão que o sucesso dentro da aula pode vir das mais variadas formas, pois a aula pode ser repleta de vitórias pessoais. Seybold (1994) também cita a importância da individualização dentro do rendimento grupal, pois tanto os com mais capacidade quanto os com menos capacidades precisam conviver, seja na escola, seja na vida cotidiana.

Neste aspecto, a arte marcial tem um excelente recurso que a diferencia dos esportes classificados apenas como “lutas”, a graduação (diferença de faixas que o aluno utiliza). Este instrumento, utilizado corretamente, torna a classificação dos alunos da aula aceitável pela criança, pois ora podem ser feitos grupos utilizando uma criança mais graduada como responsável por um grupo menos graduado, estimulando assim que ela se torne solidária e responsável pelos colegas que estão num nível menor de aprendizado. Ora pode-se separar a turma de grupos avançados e de grupos iniciantes, utilizando suas respectivas graduações dentro da arte marcial. Desta forma, cada um pode conseguir um desempenho máximo, sem correr o risco de, na ânsia de oferecer o aprendizado a todos, não se dê a atenção necessária também aos que têm mais facilidade em aprender, ou que estejam num nível superior de aprendizado. Eles têm o direito de evoluir conforme sua real capacidade. Com estas estratégias, pode-se ofertar uma aula que contemple os mais diversos níveis, sem excluir nem o aluno mais avançado, nem o que demora mais para aprender.

Cabe ressaltar que essa graduação, a faixa, própria das artes marciais, deve ser utilizada com sabedoria pelo professor, pois ela ensina hierarquia, ensina que quanto maior a graduação maior o compromisso com os colegas menos graduados, ressaltando assim a solidariedade interna da turma, como, também, ensina que quanto menor a graduação, mais deve-se escutar e aprender. Essa estratégia diminui o peso de estar num nível diferente de aprendizado dos colegas. Ela também contribui para que cada um tenha como objetivo alcançar seu próximo nível (faixa), em vez de apenas focar ser o melhor da turma. Entretanto, se as graduações não forem observadas com cuidado, ou se todo seu contexto não for ensinado à criança, pode resultar em grandes prejuízos para o ensino, como, por exemplo, egos inflados e sentimento de superioridade ou pode deixar a criança frustrada por estar num nível muito diferente do de

seus colegas de graduação. Essas frustrações, além de se estenderem à vida pessoal, resultam na evasão dos alunos da arte marcial.

PRINCÍPIO DA TOTALIDADE

De acordo com Neuenfeldt e Canfield (2001), o esporte não deve limitar-se a ser praticado apenas por ser praticado. Ele deve envolver mais aspectos além da prática em si, como, por exemplo, o aspecto emocional inerente à prática e a todos os sentimentos que afloram durante as vivências esportivas. Cardoso, Turelli e Galvão (2006) reforçam este conceito, argumentando que nossos sentimentos e emoções nos oferecem informações sobre o mundo, sobre pessoas e sobre nós mesmos. Estas informações podem refletir-se no nosso modo de entender e de encarar a vida e em nossas atitudes.

Esta premissa pode ser utilizada como princípio para abordar a totalidade do ser humano nas artes marciais, que será alcançada se o professor conseguir estimular os alunos a abraçarem a luta não apenas pelo viés esportivo ou com objetivo de rendimento, mas, sim, com todo o sentimento envolvido na prática.

Segundo Seybold (1994), a totalidade do ser humano se caracteriza por ser e ter um corpo, integral e indivisível. Nas práticas esportivas, essa totalidade do corpo deve aparecer para que aja a verdadeira entrega ao esporte, sem nenhuma dissociação de ego, para que as restrições não rompam a atmosfera e a imersão do ser na prática.

A totalidade nas das artes marciais deve ser trabalhada, pois ela acontece naturalmente, devido ao caráter primitivo do combate. Segundo Seybold (1994), todo esporte que imite condições primitivas da vida exige a participação completa do ser humano.

Sendo as artes marciais enquadradas nestes aspectos, cabe ao professor estimular e não reprimir os sentimentos dos alunos, para que eles possam vivenciar por completo toda experiência de um treino mais exaustivo, todos os sentimentos durante um embate, a troca de energia com o adversário, o entendimento do volume de pressão que eles são capazes de aguentar sem render-se, além de outros variados sentimentos que esta prática proporciona. Assim, há o encontro da parte filosófica com a arte marcial, pois o aluno aprende na prática o que lhe é ensinado.

Essa carga de sentimentos que o aluno vivenciará, além de estimulada, deve ser explicada ao aluno, conforme argumenta Neuenfeldt (2008, p. 153):

[...] os alunos necessitam adquirir conhecimentos, não apenas de como fazerem exercícios físicos, de como praticarem esportes, mas de serem capazes de entender e analisar sua condição de sujeito cultural e histórico, numa sociedade que possui uma cultura de movimento da qual ele faz parte.

Assim, a imersão na prática será total, havendo a transposição de cada sentimento, de cada vivência aprendida em aula para a vida, pois quem realmente vive os conhecimentos das artes marciais não apenas luta, mas torna-se um lutador no sentido mais amplo da palavra.

PRINCÍPIO AGONÍSTICO

Na prática da maioria das artes marciais, haverá momentos em que se aplica e se vivencia o princípio da competição, uma vez que os alunos e, nesse caso, as crianças por sua vez, irão vivenciar o confronto direto, salvo exceções, como explica Cardoso, Turelli e Galvão (2006), referindo-se ao aikido, por exemplo, cujo principal objetivo é tornar o praticante um ser humano melhor, seno assim no aikido não a necessidade de competições.

Este momento agonístico tanto pode ser uma grande oportunidade de aprendizado para ambas as partes, como pode ser de frustração para o perdedor e de soberba para o vencedor. Esse sentimento de soberba do vencedor, cedo ou tarde, também pode transformar-se em frustração, caso se depare com a derrota.

Neuenfeldt e Canfield (2001) explicam que a competição, quando é demasiadamente estimulada, pode comprometer o aprendizado da prática, visto que a busca obstinada pela vitória pode estimular o desrespeito às regras, como, também, o excesso de agressividade contra os próprios colegas.

A busca obstinada pela vitória também pode prejudicar outros dois aspectos do ensino da arte marcial: a) o aspecto filosófico, que se preza sempre em detrimento da violência; b) também afeta o princípio da totalidade, visto que, por observar e buscar apenas a vitória, o aluno perde a oportunidade de vivenciar todos os aspectos do confronto. Além disso, um dos objetivos é que, a partir das vivências, o aluno se torne um “lutador”, no sentido de que não se vence apenas quando se supera um adversário.

Conforme já foi dito, o confronto é uma excelente oportunidade para ensinar as mais diversas lições ao aluno, tanto sobre a própria arte marcial, quanto sobre a vida. Segundo Neuenfeldt (2008, p. 175), “o esporte não precisa deixar de ser competitivo para fazer parte da Educação Física. Todavia, é necessário ensinar as pessoas a competir”.

Este ensinar a competir significa não só ensinar a vencer, mas, também, ensinar a perder. Cabe ao professor, durante as aulas, proporcionar experiências em que os alunos deparem-se com confrontos em que serão vencedores; e, em outros, em que, com certeza, serão vencidos. Trabalhar a vitória e a derrota num ambiente controlado de aula e perante os companheiros é muito mais fácil e menos traumatizante que vivenciá-las numa competição, por exemplo, quando estarão diante de estranhos, situação que, por si só, já é, muitas vezes, desconfortável, pois, além da derrota, alguma atitude desrespeitosa do oponente vencedor podem gerar traumas, que, conseqüentemente, podem

levar a criança a evitar confrontos futuros. Assim, pode deixar de experimentar e de vivenciar sua real capacidade dentro da arte marcial ou até mesmo pode abandonar precocemente a prática, por um motivo fútil e normal, que é a derrota.

Ainda, segundo Neuenfeldt (2008), o educador deve, invariavelmente, exigir e ensinar o jogo limpo, isto é, o esporte deve reconhecer a natureza humana do adversário, reconhecendo o vencedor e respeitando o perdedor.

É obrigação do professor ensinar aos alunos que, nas artes marciais, uma vitória advinda de meios escusos ou administrada com soberba é muito mais vergonhosa que qualquer derrota.

Sendo assim, a competição tanto pode como deve ser estimulada; porém, sempre de forma correta. Renegá-la é renegar a própria natureza e a origem das artes marciais, além de perder uma excelente oportunidade de ensinar aos alunos aspectos que permeiam a vitória e a derrota em nossa vida cotidiana. Ou seja, ensinar que todos perdem mais cedo ou mais tarde e desmistificar qualquer imagem de que o melhor é aquele que sempre vence. Frise-se que a palavra vencer pode ser explorada em muitos aspectos.

LUDICIDADE

Apesar das artes marciais terem origens militares e de uma visão mais séria, onde não há espaço para brincadeiras, tratando-se do ensino para crianças, é fundamental basear-se no princípio da ludicidade, pois o jogar e o brincar são aspectos tanto da natureza da criança, como do ser humano como um todo.

Segundo Huizinga (1996), é correto afirmar que o jogo é mais antigo que a própria cultura; logo, o ato de brincar está enraizado na natureza do ser. À primeira vista, relacionar a arte marcial com o brincar pode ser visto como algo ultrajante para os tradicionalistas; porém, o próprio ato de “brincar de lutar” é algo espontâneo. Esta afirmação embasa-se na própria cultura oriental, berço de grande parte das artes marciais, conforme esclarece Huizinga (1996, p. 77):

O caráter fundamental de todo este complexo de ideais, costumes e instituições pode ser observado de maneira mais nítida no país do Sol Nascente do que na Idade Média cristã ou no Islão. O samurai japonês era de opinião que o que é sério para o homem comum não passa de um jogo para o valente.

Contudo, mesmo no ato de “brincar de lutar”, deve haver regras. Segundo Neuenfeldt e Canfield (2001), cabe ao professor ensinar às crianças que as regras não devem ter caráter repressor, mas, sim, representar um meio para que o jogo siga de forma amigável.

Ao entender estes aspectos, o professor cria um ambiente propício para a criança aprender tudo que engloba a arte marcial, para que ela dê um significado próprio a suas ações, evitando que o aprendizado se torne algo mecânico e sem sentimento, algo que vai contra os próprios princípios da arte marcial.

Conceder esta liberdade para a criança brincar e expressar-se através da luta não deve ser visto como imprudência por parte do professor, ou como uma negligência no ensino da verdadeira arte marcial. O ato de lutar está na essência do ser humano; porém, há normatização e controle da violência, que é natural. Huizinga (1996) explica que tanto cachorrinhos quanto crianças brincam de lutar, valendo-se de regras próprias, que limitam o uso da violência.

Conhecer todos estes aspectos de nada adiantará, se o professor não conviver com seus alunos, entender e conhecer um pouco de cada um, para saber respeitar os momentos de ludicidade e, de forma natural e prazerosa, encontrar meios de desenvolver os conteúdos da aula nestas brincadeiras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, quando se trata de artes marciais, existe uma inegável lacuna entre o saber científico e o saber empírico, o que está evidenciado na falta de artigos científicos referentes ao tema. Quando se busca por material relativo ao ensino das artes marciais, o número de artigos é menor ainda. A falta de material é um prejuízo tanto para a Educação Física, que não explora todas as possibilidades deste esporte, como para as próprias artes marciais, que não evoluem, por seguirem com métodos antiquados, que outros esportes, amparados pela ciência, já abandonaram há tempo.

Ciente disso, é inegável que o professor que opte por trabalhar com artes marciais busque conhecimentos nas duas fontes, tanto na própria arte marcial quanto na literatura, visto que as duas se completam. Não basta ser apenas devidamente graduado na arte ou diplomado em Educação Física para ministrar uma aula de qualidade, que atenda às necessidades dos alunos.

Ao trabalhar com crianças, com o ensino das artes marciais, convém sempre lembrar que ela não é um adulto em miniatura; que ela tem seu tempo, conforme citado no princípio da individualidade, e que a ludicidade faz parte de sua essência. A criança pode e deve brincar com a arte marcial, para que nela se encontre como um todo, entendendo de forma natural as relações entre todo o seu ser, sentimentos e corpo.

Quanto ao aspecto agonístico, devemos entender que o confronto não é negativo e que as disputas podem ser estimuladas; porém, o objetivo final não deve ser apenas a vitória em si, mas todos os aspectos que envolvem a disputa, seja a vitória, a derrota, o medo ou qualquer outro sentimento inerente a elas.

O professor também deve estar ciente de que quando a criança se confrontar com estes aspectos, é sua função ensiná-la como deve portar-se,

pois é responsabilidade sua, ajudar na formação de seu caráter, entendendo sua individualidade e as mais variadas reações que as experiências podem provocar, o que é uma excelente oportunidade para ensiná-la a vivenciar a totalidade dos aspectos ensinados.

Por fim, cabe ao professor atualizar-se e evoluir na condição de profissional, tendo em mente que a base de qualquer esporte, incluindo a arte marcial, são as crianças. Uma aula que respeita todos os aspectos de sua formação evitará a evasão de alunos da prática e resultará em mais adultos praticantes das artes marciais, além de desmistificar os preconceitos relativos às artes marciais e de formar indivíduos melhores para a sociedade, assim como preza a filosofia que rege as artes marciais.

Dessa forma, espera-se que esta proposta pedagógica, pautada nos princípios da totalidade, da ludicidade, do agonístico, da individualidade e do princípio axiológico, possa servir como norte para profissionais que tenham a intenção de trabalhar com ensino de artes marciais para crianças.

REFERÊNCIAS

- CARDOSO, Carlos Luiz; TURELLI, Fabiana Cristina, GALVÃO, Thiago Botelho. Artes Marciais, o processo de ocidentalização do esporte e o desvio da dimensão do prazer. In.: SILVA, Ana Márcia; DAMIANI, Iara Regina (Orgs.). **Práticas Corporais**. Florianópolis: Nuemblu Ciência e Arte, 2006. p. 41-62.
- CAZETTO, Fabiano Filier. **A influência do Esporte Espetáculo sobre o modelo de competição dos mais jovens no judô**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação Física. Campinas, Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- CORREIA, Walter R.; FRANCHINI, Emerson. Produção acadêmica em lutas, artes marciais e esportes de combate. **Motriz**, Rio Claro, v.16 n.1 p.01-09, jan./mar. 2010.
- DEMO, Pedro. **Introdução à metodologia da ciência**. São Paulo: Editora Atlas S.A., 1985.
- HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 2000.
- LEE, Bruce. **O Tao do Jet Kune Do**. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2003.
- NEUENFELDT, Derli Juliano. **Esporte, Educação Física e Formação Profissional**. Lajeado: UNIVATES, 2008.
- NEUENFELDT, Derli Juliano; CANFIELD, Marta Sales. Repensando o esporte na educação física escolar a partir de Cagigal. **Movimento**, Porto Alegre, p. 28-36, 2001.
- SEYBOLD, Annemarie. **Educação Física princípios pedagógicos**. Rio de Janeiro: Editora Ao Livro Técnico, 1994.